



O Jornal Pastoral da Criança como Instrumento de Promoção da Cidadania¹

Aline Fernanda Lima²

Resumo

Trata-se de um estudo sobre o Jornal Pastoral da Criança enquanto instrumento de comunicação popular-alternativa em auxílio à prática social das lideranças comunitárias da Pastoral da Criança da Arquidiocese de Aparecida/SP. O principal objetivo é entender, por meio de pesquisa qualitativa (aspectos teóricos sobre movimentos sociais, cidadania e comunicação popular-alternativa e entrevistas semi-estruturadas com lideranças nacionais da Pastoral da Criança e da Arquidiocese de Aparecida/SP) o tratamento que a entidade tem dado à comunicação por ela realizada e as contribuições que o Jornal tem oferecido para a promoção da missão da entidade e para a construção da cidadania nas comunidades.

Palavras-chave: Movimentos sociais, sociedade civil, comunicação popular-alternativa, Jornal Pastoral da Criança.

Introdução

O interesse em compreender o papel do Jornal da Pastoral da Criança enquanto instrumento de comunicação popular-alternativa, com vistas à construção da cidadania no âmbito das comunidades advém, sobretudo, da extensão do trabalho comunitário desenvolvido pela Pastoral da Criança em mais de 42.000 comunidades brasileiras, atendendo cerca de 1.914.869 crianças menores de seis anos, a partir da ação voluntária de 272.794 pessoas. Essas comunidades recebem mensalmente o Jornal Pastoral da Criança; são 260.000 exemplares distribuídos para todos os líderes comunitários do país. O Jornal funciona como um meio de comunicação que auxilia no trabalho, ajuda na formação continuada das lideranças e desenvolve a socialização da informação por meio da participação dos voluntários no processo de concepção e construção do produto. Diante desse cenário instigante dirigimos nossa reflexão para a compreensão do papel do Jornal Pastoral da Criança, buscando entender como esse meio de comunicação auxilia na missão da entidade e, como esse instrumento de comunicação popular-alternativa tem sido utilizado nas comunidades (Pastoral da Criança da Arquidiocese de Aparecida/SP) e auxiliado na construção da cidadania. A abordagem parte de um estudo, em primeira instância, teórico, o qual discute conceitos como

¹ Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa “Comunicação para a Cidadania”, do XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Santos-SP, INTERCOM/ 29 de agosto a 2 de setembro de 2007.

² Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo; conteúdo integrante de parte da dissertação de mestrado apresentada à Banca Avaliadora em maio de 2007. Professora do curso de Relações Públicas da Universidade de Taubaté e das Faculdades Integradas Teresa D’Ávila - Lorena/SP.



movimentos sociais, sociedade civil, comunicação popular-alternativa. Em seguida, parte-se para a coleta de dados em campo, ouvindo tanto lideranças nacionais quanto lideranças comunitárias da Pastoral da Criança, as quais apresentam um cenário instigante do papel e do uso do Jornal Pastoral da Criança.

1. Movimentos Sociais: definição e papel social

A organização da sociedade civil (movimentos sociais, ONG's, associações, etc) favorece o acesso e a distribuição igualitária dos bens sociais, a promoção da vida e dos direitos humanos estimula a cidadania, a participação e a criação de espaços mais democráticos de vida. Neste sentido, apontamos a Pastoral da Criança como um exemplo concreto do desafio que os sujeitos sociais assumem no contexto histórico-social atual e buscamos compreender um pouco as manifestações e posturas desses mecanismos em favor da igualdade entre os indivíduos nos dias de hoje. Ou seja, direcionamos nossa reflexão para um entendimento do conceito de “movimento social” e sua função na sociedade.

Para melhor refletirmos sobre esse delicado cenário, utilizaremos as reflexões de Gohn (2004), contidas na obra “Teoria dos Movimentos Sociais. Paradigmas Clássicos e Contemporâneos”. A autora indica que não existe um conceito único sobre movimentos sociais. Esse diverso leque de olhares sob a noção de movimentos sociais nos remete a, também, uma diversidade de fenômenos sociais designados como tal. Gohn (2004, p.245) nos oferece parâmetros mínimos para uma conceituação; isso a partir de manifestações concretas desses atores por ela identificados. Vistos essencialmente enquanto um coletivo social articulado a um conjunto de ideais e práticas, os movimentos sociais devem ter, segundo a autora, como primeiro componente para sua interpretação, os “interesses em comum” (GOHN, 2004, p.245), isto porque os membros organizam-se em torno de uma realidade que os aglutina, que os qualifica como defensores de uma mesma causa. Outra questão a ser considerada para uma conceituação, está relacionada à compreensão do termo “movimento” (GOHN, 2004, p.246), a idéia aqui trabalhada indica a noção de movimento como “um conjunto mais abrangente de práticas sociopolítica-culturais que visam à realização de um projeto de mudança (social, sistêmica ou civilizatória) resultante de múltiplas redes de relações sociais entre sujeitos e associações civis” (SCHERER-WARREN, 1999, p.16). Também são indicados como parâmetros para a compreensão de movimentos sociais fatores de “diferenciação entre as formas de ação coletiva e um movimento social” (GOHN, 2004,



p.246). O primeiro fator indica as estratégias de ação que podem ser adotadas pelos movimentos para promover sua luta, como um protesto, por exemplo, tal noção é limitada ao desconsiderar o ideário, o ordenamento das ações na conquista de determinado objetivo. Por fim, e talvez um dos mais importantes e questionados fatores de delimitação do conceito está na questão da “esfera onde ocorre a ação coletiva” (GOHN, 2004, p.247). Os movimentos sociais são parte do cenário social e não têm sua ação pautada por um espaço institucionalizado, organizações sociais e movimentos sociais são coisas distintas. Ao se falar de uma entidade, de uma Organização não-Governamental (ONG), pode-se entender uma estrutura organizativa oriunda de um movimento social e não dele próprio, como aponta Gohn (2004, p.247). Neste trabalho, olharemos para a Pastoral da Criança enquanto uma instituição a partir da sua estrutura e organização e, ao mesmo tempo, enquanto um movimento social, espaço de ação e mobilização de pessoas voluntárias na luta pelo bem estar da infância.

Gohn (2004, p.247) nos indica novas questões a serem consideradas para a compreensão de movimentos sociais e que passam a adquirir valor de ideologia. São questões como a “luta social” (categoria básica e inerente a todos os movimentos, é esforço a ser empenhado, o projeto a ser desenvolvido e conquistado) e o entendimento de “força social” (GOHN, 2004, p.248), ou seja, toda a demanda ou reivindicações concretas que se tornam o eixo norteador e estruturador da luta do grupo em busca da superação de suas carências. A partir dos indicativos acima trabalhados torna-se possível realizar um recorte conceitual e delimitar aquilo que, na teoria e na prática, pode ser verificado como movimento social. Nesse sentido, temos:

Movimentos sociais são ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários da conjuntura socioeconômica e política de um país, criando um campo político de força social na sociedade civil. As ações se estruturam a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em conflitos, litígios e disputas vivenciadas pelo grupo na sociedade. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva para o movimento, a partir dos interesses em comum (GOHN, 2004, p.251).

Se analisado sob o enfoque “organismos da sociedade civil” (VIEIRA, 2004, p.61), o papel social dos movimentos sociais está em intermediar as questões entre os espaços públicos (Estado) e privados (mercado) e então permitir que se desenvolva uma reflexão pública acerca dos assuntos. Nesse papel, os movimentos sociais permitem que o homem se torne protagonista, senhor da sua história e da história de sua gente, pois é entendido como uma parte essencial da sociedade. “Os atores da sociedade civil,



organizados em movimentos sociais, cumprem função pública [...]. Defendem o interesse público e se constituem como instância de crítica e de controle do poder” (VIEIRA, 2004, p.61).

Ao identificarmos nos movimentos sociais a possibilidade de desenvolvimento de uma consciência social e política nos indivíduos, da sociedade como um todo, podemos, com certeza, afirmar que eles são “construtores de cidadania”, pois ao passarem da percepção de carências para a exigência de direitos básicos; promovem a indicação de “alguns caminhos em torno da criação de uma noção de cidadania coletiva, onde as propostas concretas de gestão da cidade e o questionamento das práticas existentes têm obtido algum espaço de reflexão do interior do Estado” (JACOBI *apud* PERUZZO, 2004, p.33).

2. Movimentos Sociais Sociedade Civil

Ao falarmos em movimentos sociais, apontamos a necessidade de uma revisão do conceito de sociedade civil, visto sua importância no processo de socialização do homem moderno. Território próprio da dinâmica social e que tanta relação tem com questões como igualdade, democracia, socialização e organização, a sociedade civil é o local onde o homem percebe o sentido de agregação e resiste ao processo de atomização, tão próprio da dinâmica da sociedade atual. Na sociedade moderna, conforme aponta Vieira (2004, p.44) a partir dos estudos de Cohen e Arato (1992), a concepção de sociedade civil está diretamente relacionada com a esfera da interação social entre o Estado e a economia. É composta essencialmente pela família (esfera íntima), pelos movimentos sociais e formas de comunicação pública (esfera associativa), e se desenvolve por meio de formas de automobilização e autoconstituição, institucionalizando-se por meio de leis e direitos que a diferenciam dos demais organismos sociais. Seu principal papel está na geração de influência sobre a esfera pública e na mediação dos interesses políticos e econômicos, não buscando substituí-los. A luta pela democracia no mundo contemporâneo deu origem a uma nova concepção de sociedade civil vinculada à idéia de entidades organizadas; é a “esfera pública não-estatal”, ou o “público-privado”.

A construção dessa esfera social-pública enquanto participação social e política dos cidadãos passa pela existência de entidades e movimentos não-governamentais, não-mercantis, não-corporativos e não-partidários. Tais entidades e movimentos são privados por sua origem, mas públicos por sua finalidade. Eles promovem a articulação entre esfera pública e âmbito

privado como nova forma de representação, buscando alternativas de desenvolvimento democrático para a sociedade (VIEIRA, 2004, p.65).

Ao analisarmos as indicações trazidas ao conceito de sociedade civil verificamos a relevância do conceito para um ideal entendimento de movimentos sociais. O protagonismo da sociedade civil aponta para uma forma não-ortodoxa de atividade política, uma vez que os atores que buscam assegurar as mudanças sociais encontram-se fora das esferas institucionalmente estabelecidas.

3. A comunicação em favor da ação coletiva

Entendemos que a comunicação tem trazido importantes contribuições para a ação dos movimentos sociais. Buscaremos, com vistas ao objeto estudado – Pastoral da Criança e sua comunicação –, elucidar as funções e os papéis de uma outra comunicação, mais ligada à construção de espaços democráticos de participação, à promoção da cidadania e da transformação dos indivíduos, e que busca formas populares e alternativas de se fazer produtora de mensagens. Essas novas formas de se fazer comunicação “[...] fazem explodir os bloqueios oficiais à expressão pública e dão ressonância às vozes discordantes, minoritárias, subjulgadas e portadoras de impulso de mudança.” (MACHADO, 2002, p. 10).

Mas que comunicação é essa? Quais suas características? Como devemos classificá-la e denominá-la, para enfim, podermos compreender o cenário comunicativo da Pastoral da Criança e as bases ideológicas que guiam a produção do Jornal Pastoral da Criança? Partindo desses questionamentos, apontaremos algumas características das formas de comunicação que têm como proposta central a cidadania, a participação, a alternativa de informação para um trabalho social-comunitário. Sendo assim, consideramos pertinentes para nosso estudo a exploração dos conceitos de comunicação popular-alternativa, aquela que têm propostas singulares e que sua importância está em entender a comunicação como elemento aglutinador, que aproxima, inclui, cria laços de comunhão e solidariedade, além de promover uma visão crítica da realidade e fazer valer a participação social, a democracia e a cidadania. Nesse sentido, concordamos com Mário Kaplún (*apud* Peruzzo, 2006, p.3) que entende a comunicação popular e alternativa “como uma comunicação libertadora, transformadora, que tem o povo como gerador e protagonista”.

Em síntese, a comunicação popular e alternativa se caracteriza como expressão das lutas populares [no sentido lato] por melhores condições de vida que ocorrem a partir dos movimentos populares e representam um



espaço para participação democrática do ‘povo’. Possui conteúdo crítico-emancipador e reivindicativo e tem o ‘povo’ como protagonista principal, o que a torna um processo democrático e educativo. É um instrumento político das classes subalternas para externar sua concepção de mundo, seu anseio e compromisso na construção de uma sociedade igualitária e socialmente justa (PERUZZO, 2006, p.4).

O que buscamos, é pautar nossa reflexão sobre a comunicação nos movimentos sociais, em especial na análise do *Jornal Pastoral da Criança*, compreendendo que a comunicação popular-alternativa objetiva “[...] encontrar espaços para manifestação das comunidades, para a discussão das necessidades fundamentais da população, bem como para a alegria das conquistas populares” (SUZINA, 2004, p.234). Vale a pena destacar que os movimentos sociais, na promoção e desenvolvimento das suas lutas e ideologias, têm encontrado na comunicação e nas suas diversas formas de manifestação, um importante espaço de mobilização, de expressão e de potencial de crescimento, haja vista as inúmeras experiências de mídia comunitárias, alternativas e populares desenvolvidas para dar voz às diversas lutas, identidades e interesses daqueles que se querem fazer ouvir e expressar, mas não encontram espaço nos meios oficiais.

4. Pastoral da Criança: missão e comunicação

O nascimento da Pastoral da Criança, em 1983, se dá num período histórico de luta por mudança, como apresenta Faxina (2001, p.129), “no campo social a Brasil amargava enormes índices de desnutrição e mortalidade infantil [...], grande parte por doenças preveníveis. Foi para combater essas taxas que nasceu a Pastoral da Criança, uma experiência de parceria entre as esferas governamental e não-governamental”. Por solicitação de seu irmão Dom Paulo Evaristo Arns que a médica pediatra e sanitarista Zilda Arns Neumann aceitou o desafio de desenvolver na cidade de Florestópolis/PR um trabalho social que combatesse a desnutrição e a mortalidade infantil. Esse trabalho, que nasceu há 23 anos, é realizado em todo o Brasil até hoje voluntariamente, por milhares de pessoas. Para a Pastoral da Criança desenvolver seu trabalho em todo o território brasileiro é necessário que disponha de boa estrutura e organização, elementos que apontam o diferencial do seu trabalho, os resultados concretos, dos quais podemos destacar alguns números encontrados em materiais informativos da instituição:

- Presente em 37 mil comunidades pobres, de 4.023 municípios, em todos os estados do país.



- Mensalmente, 264 mil voluntários, em nível comunitário, acompanham mais de 1,8 milhão de crianças de zero a seis anos e 95 mil gestantes, em seu contexto familiar e comunitário.
- São cerca de 1,3 milhão de visitas domiciliares mensais.

Sendo a Pastoral da Criança um movimento social muito próprio dos modelos atuais de organização social, entende-se que a comunicação e suas ferramentas são importantes colaboradoras para a realização de seu projeto social, que assume diferentes funções, seja mantendo um canal permanente de informação e formação das lideranças, seja auxiliando na dinamização do trabalho social desenvolvido ou oferecendo informações à sociedade. Para o alcance dos objetivos institucionais e sociais, a Pastoral da Criança conta com uma equipe de comunicadores, esta equipe é estruturada a partir de dois pilares, o primeiro é o *Setor de Relações Institucionais*, responsável pelos relacionamentos da Pastoral da Criança com os meios de Comunicação Social (assessoria de imprensa) e com a sociedade em geral. A segunda vertente da comunicação da Pastoral da Criança é chamada de *Setor de Comunicação Interna*, responde pela elaboração e produção organização dos materiais educativos impressos e audiovisuais utilizados para promover a difusão de informações e a capacitação continuada das bases da Pastoral. Neste setor se dá a produção e distribuição do *Jornal Pastoral da Criança*, foco de nosso estudo.

5. O Jornal Pastoral da Criança

Instrumento de fundamental importância no sistema de comunicação da Pastoral da Criança, o Jornal Pastoral da Criança é um jornal interno, de dezesseis páginas, tamanho tablóide, colorido, editado mensalmente, utilizado para dinamizar e agilizar a comunicação com o público interno (líderanças comunitárias, coordenações de comunidade, de paróquia (ramos), de diocese (setor), coordenações estaduais, dentre outros voluntários, atingindo cerca de 260.000 voluntários em todo o Brasil). O Jornal Pastoral da Criança existe desde 1989, quando a Dra. Zilda, no início dos trabalhos da Pastoral da Criança percebeu a necessidade de comunicação entre os voluntários, no sentido de levar ânimo e informação para as bases da Pastoral. Nessa época, a Pastoral já tinha ultrapassado as fronteiras do Paraná e já atingia muitos Estados e Municípios do Nordeste.

[...] tinha pouca gente, eu comecei sozinha, depois tive uma datilógrafa, depois de um ano tive uma secretária e só em 1985 que eu pude convidar



peessoas para me ajudarem, porque eu não tinha dinheiro. No começo era só a UNICEF que ajudava, então eu pensei: como é que eu vou me comunicar com todo o Brasil? Não é? Eu telefonava muito, mas estava muito sozinha. Então eu conversei sobre isso. Na época o UNICEF nos ajudava e Salvador Herência era um jornalista do UNICEF no Brasil. Falta um meio de a gente se comunicar, porque não existe dinheiro para ter uma equipe e eu sozinha manter a chama acesa! Aí veio a idéia de ser um jornal, e como não tínhamos dinheiro, ele mesmo, Salvador Herência, e eu fizemos alguns jornais. Eu dando a notícia, ele ajudando, e circulava a cada 3 meses, depois a cada 2 meses, e agora já está há algum tempo, uma vez por mês (Zilda Arns, coordenadora nacional da Pastoral da Criança).

O “manter a chama acesa” foi e é a grande tônica do Jornal da Pastoral. Como afirma Clóvis Boufler (Setor de Relações Institucionais), “a lógica não mudou, mudou o formato”. Uma das importantes questões a se considerar dos dados sobre a história e função central do Jornal Pastoral da Criança é o fato de ele ser um instrumento de animação das comunidades, de estímulo e incentivo à missão. Devido a essa aproximação com as questões centrais do projeto da Pastoral da Criança, o Jornal estabelece aproximação e identificação entre os membros.

6. O Jornal Pastoral da Criança e a comunicação da Pastoral da Criança

O entendimento da proposta de comunicação do Jornal, a partir das opiniões (entrevistas semi-estruturadas) dos principais responsáveis por essa comunicação, os membros da coordenação nacional e da equipe técnica do Jornal Pastoral da Criança é foco dessa etapa. Vejamos os principais enfoques, conforme indicação das entrevistas.

a) Comunicação com vistas à ação comunitária

Pudemos verificar que a Pastoral da Criança entende a comunicação e, conseqüentemente o Jornal, como um instrumental necessário para a realização do seu trabalho social, daí toda a organização e produção de veículos de comunicação. Como aponta Clóvis Boufler, “a nossa informação é absolutamente voltada para o objetivo do nosso trabalho; como o objetivo é a saúde infantil, todas as nossas informações que circulam no Jornal, nos programas de rádio têm essa visão”. Assim também entende a Dra. Zilda Arns:

Eu acho que é a necessidade que sentem de se realimentar para poder multiplicar mais e melhor o conhecimento sobre a saúde da criança, da mulher e a solidariedade humana. Então, é sustentar seu próprio espírito de voluntariado. Isso é muito importante! [...] O Jornal foi pensado para animar internamente os que trabalham na Pastoral (Dra. Zilda Arns).

A entidade possui uma compreensão muito madura da contribuição que a comunicação oferece ao trabalho da Pastoral e por isso cria canais, com conteúdos e discursos



próprios e reconhece os resultados que colhe, pois seus instrumentos estão diretamente relacionados às necessidades imediatas dos grupos.

b) Linguagem popular

Outra característica da comunicação desenvolvida no Jornal Pastoral da Criança é a sua linguagem popular, ou seja, o direcionamento aos interesses e formas de se expressar do povo. Pela fala de Renato Kajita, é possível compreender o enfoque dado à comunicação popular.

Essa comunicação que fazemos aqui é o mais popular possível, sem perder o técnico, mas o mais popular possível, porque as pessoas entendem e usam. O técnico usa o seu palavreado e nós temos que converter para inteligibilidade da base. Nosso grande objetivo e a grande dificuldade é essa, quando as pessoas escrevem, elas sabem o que estão falando, só que nem sempre o que o técnico fala vai ser colocado no texto, porque deve ser entendido na base (Renato Kajita, Setor de Comunicação Interna).

Assim também entende Clóvis Boufler sobre a comunicação desenvolvida no Jornal Pastoral da Criança: “Uma comunicação que usa uma linguagem popular, uma linguagem que a gente pouco intervém no jeito das pessoas dizerem as coisas. Ela não é trabalhada numa redação, simplesmente formata-se o material”. A participação popular no Jornal pode se dar de duas maneiras, seja pela solicitação de conteúdo junto à equipe, seja enviando o próprio material para ser publicado no Jornal.

c) Instrumento de formação contínua

Uma função que merece destaque é a questão da comunicação como instrumento de formação contínua. Conforme apontado por Clóvis Boufler, todos os materiais informativos gerados pela Pastoral seguem uma lógica de reforçar as propostas de trabalho da Pastoral da Criança que estão expressas no Guia do Líder, material que acompanha a líder no seu trabalho e que oferece subsídio para a ação junto às famílias.

Vejamos a definição trazida para o conceito de educação continuada.

Nós utilizamos tanto o programa de rádio, quanto o Jornal e outras estratégias e ferramentas, como o Dicas e todos nossos materiais educativos com o objetivo de alimentar permanentemente. O que chamamos de educação contínua, ou educação permanente. Chamamos de contínua porque tem esse fluxo de todo mês, no caso do Jornal, chegar até o líder com uma informação que ela se enxerga (Clóvis Boufler).

Esta visão está alicerçada na proposta pedagógica de Paulo Freire, o qual vê a comunicação como uma ferramenta pedagógica em favor do diálogo e da construção de um conhecimento encarnado na realidade de opressão vivida pelo povo.

d) Transformação social



A transformação social também se destaca como uma das propostas do Jornal Pastoral da Criança. Renato Kajita, coordenador do Setor de Comunicação Interna diz que a função do Jornal é movimentar a base de forma a ajudar na busca de melhorias. “Na realidade, como a intenção é a de melhorar a comunidade, levando informação à base, efetivamente movimentando a base, ele ajuda muito” (Renato Kajita). E completa, ao dizer sobre a função social do Jornal:

[...] na realidade, a idéia principal é mobilização social e controle social. Esse é um dos outros objetivos do Jornal da Pastoral da Criança, ser bem social. Não mobilizando no sentido político, mas na construção da cidadania, das famílias acompanhadas e da comunidade acompanhada. Ele vai gerar transformação! (Renato Kajita)

A partir da compreensão de que o Jornal não deve se restringir somente à transmissão de informação, mas promover a ação, a mobilização dos voluntários da Pastoral da Criança nos problemas da comunidade, identifica-se uma função cidadã.

e) Sentimento de pertença

Uma das questões marcantes do papel do Jornal Pastoral da Criança na ação comunitária está relacionada ao sentimento de pertença que ele desperta nos voluntários da Pastoral da Criança; ele integra propostas, promove a troca de experiências e projeta, por meio das realidades apresentadas um pouco de cada líder, criando uma identidade coletiva.

Às vezes a pessoa está desanimada, está sem saída para um problema e, aí lê uma história, não é muito comum, mas em algumas situações, a partir da notícia, as pessoas começaram a se comunicar. Então começa a circular informação que não depende de nós controlarmos, elas mesmas se articulam (Clóvis Boufler).

7. O Jornal Pastoral da Criança na prática das comunidades da Arquidiocese de Aparecida/SP

A compreensão integral do Jornal Pastoral da Criança passa necessariamente pela verificação do seu papel junto à prática comunitária. Nesse sentido, desenvolvemos uma outra leitura do Jornal tendo como suporte as informações coletadas junto à equipe de coordenação da Pastoral da Criança da Arquidiocese de Aparecida, Estado de São Paulo. As informações que nortearão nossa reflexão são fruto de entrevistas semi-



estruturadas realizadas com quinze membros da equipe de coordenação da Pastoral da Criança, refletindo o cenário particular do uso do Jornal na Arquidiocese de Aparecida³.

A compreensão daquilo que se entende pelo Jornal Pastoral da Criança, bem como a função a ele atribuída junto ao trabalho da Pastoral da Criança são uns dos grandes objetivos deste trabalho, para chegarmos a esta compreensão buscamos perceber o grau de importância do Jornal para o trabalho realizado. Dentre algumas falas, foi possível perceber o entendimento do papel interativo que o Jornal oferece às comunidades, possibilitando que uns conheçam o trabalho dos outros e reflitam sobre a sua realidade. “A função dele é interagir todas as pastorais para saber o que elas estão fazendo para que todas fiquem sabendo o que está acontecendo” (Helena Angélica, Paróquia S. Afonso).

A função de informar, de trazer dados sobre as outras realidades e sobre temas de interesse para a realização do trabalho é outra função atribuída ao Jornal Pastoral da Criança. Esta noção remete ao conceito tradicional de um meio de comunicação, o de informar. “A função dele é a informação e traz a realidade das outras comunidades e das outras cidades” (Maria Eloísa dos Santos, Paróquia S. Roque).

Ainda foram colocadas opiniões que remetem à função do Jornal ao trabalho pastoral e ao auxílio que ele oferece para as lideranças como um instrumento no qual se pode obter formação. Este ponto de vista promove a associação do material ao trabalho desenvolvido, à função educativa e técnica do instrumento de comunicação com vistas à ação comunitária. O que se percebe sobre a importância do Jornal está, muito, em função daquilo que se compreende pelo papel desempenhado dentro da entidade, assim o Jornal é importante para trazer informação sobre a pastoral, para estimular o trabalho das lideranças, para auxiliar no trabalho, para gerar conhecimento.

“O jornal auxilia a gente a passar informação para eles, ele ajuda a formar como educar a criança, mais que informar ele ajuda a formar” (Helena Angélica, Paróquia S. Afonso).

De fundamental importância para a efetivação do Jornal no trabalho da Pastoral da Criança é a compreensão de seu papel como instrumento em sintonia com os demais materiais da Pastoral. Assim pensa a coordenadora Thereza Maciel, da Paróquia Nossa

³ Situada na região do Vale do Paraíba, estado de São Paulo, a Pastoral da Criança da Arquidiocese de Aparecida está organizada desde 1988. Hoje, presente em 16 paróquias (a Arquidiocese é formada por dezessete paróquias), a coordenação de ramo, ou paroquial conta com 16 coordenadoras, sendo todas elas mulheres, com faixa etária entre 39 e 66 anos.



Senhora Aparecida. “Ele é importante. Ele complementa o Guia do Líder. Ele vai trazendo em doses homeopáticas os assuntos; vai amarrando” (Thereza Maciel).

O que podemos apreender das informações apresentadas pelas coordenadoras paroquiais é que o Jornal Pastoral da Criança tem um papel importante e que este papel está vinculado ao trabalho específico da Pastoral.

7.1. O uso do Jornal da Pastoral da Criança na comunidade

A compreensão de como o Jornal Pastoral da Criança é utilizado e trabalhado nas comunidades é o grande propósito desta reflexão, para isso, promovemos, junto às coordenações paroquiais, uma série de questionamentos que nos levaram a perceber esta dinâmica, assim foi possível trazer informações de como o Jornal Pastoral da Criança é trabalhado concretamente.

a) A Leitura do Jornal

Foi possível verificar que todas as coordenadoras lêem o Jornal Pastoral da Criança, umas com mais interesse, outras com menos. Há de se destacar o fato de, algumas coordenadoras, ao lerem o Jornal, desenvolverem uma metodologia própria para levar as informações às lideranças e à comunidade. São cadernos de anotação, pastas, multiplicação das informações, dentre outras estratégias. Esses exemplos ilustram a visão pedagógico-comunicativa do Jornal e fazem do material um instrumento em favor da educação para a cidadania, da construção do conhecimento.

Quando eu recebo procuro grifar as partes importantes e colocar estes assuntos nas Reuniões de Reflexão e também recorro as informações importantes e coloco na pasta para poder passar para as líderes depois. A pasta é o “registro dos Jornais e outros”. Também tem o Dicas e outros materiais (Maria Auxiliadora de Abreu, Paróquia S. Francisco).

Também são verificadas situações de pouca leitura do material, o que, por consequência, gera pouco estímulo às líderes e pouco uso junto à comunidade. A falta de leitura do material desencadeia um processo de apatia e falta de sintonia com as propostas mais atuais da entidade. “Leio muito pouco. Dou uma lida meio correndo, porque eu não tenho muito tempo, eu trabalho. Às vezes eu comento com uma ou outra líder” (Doralice de Castro, Paróquia Sant’Ana).

b) Assuntos de maior interesse

A pesquisa buscou entender o direcionamento que é dado à leitura, ou seja, o que fica do conteúdo lido. Entendendo quais as informações são mais lidas, consegue-se saber que tipo de olhar se tem sobre o Jornal e sobre a realidade comunitária. Sendo assim:



“Eu leio muito as entrevistas da Dra. Zilda. Das palavras de mensagem que ela dá eu monto minha reunião mensal”. (Maria Eloísa Oliveira, Paróquia S. Roque). Verifica-se com essa declaração como a figura da coordenadora nacional é importante para as coordenadoras e para as líderes comunitárias de modo geral, haja vista o interesse pela leitura dos textos da Dra. Zilda Arns Neumann. Essa editoria do Jornal cumpre com a reflexão trazida por Peruzzo (2004a, p.293), a qual aponta que a comunicação popular tem que causar empatia por meio de linguagens adequadas. Outras informações apontadas como interessantes dizem respeito a essa possibilidade de conhecer as outras realidades, de buscar bons exemplos para animar o trabalho pastoral. A fala de Doralice de Castro, coordenadora da Paróquia Santana (Roseira/SP) expressa claramente a comparação entre as realidades junto às matérias do Jornal, a busca pelo desenvolvimento de um trabalho semelhante que tenha o reconhecimento.

O que eu mais gosto? É quando vem contando sobre aniversário das Pastorais nas comunidades. As comemorações que eles dão valor. Gosto porque mostra que o nosso serviço está sendo reconhecido. Porque aqui na Roseira mesmo nós tivemos uma crítica de uma pessoa: “Ah, a Pastoral não faz nada! Só na missa que eles fazem bonito”. Então o trabalho da gente eles não vêem. Por aí eu vejo que eles vêem, dão valor! Não é que a gente quer valor, mas também reconhecer! (Doralice de Castro)

c) Como é utilizado

As falas das diferentes coordenadoras paroquiais (que coordenam o trabalho nas paróquias e comunidades da Arquidiocese de Aparecida) nos levam a dirigir uma reflexão sobre as diferentes formas de uso do Jornal Pastoral da Criança nas comunidades. Embora todas busquem afirmar o uso do Jornal em suas paróquias, é possível perceber, em alguns casos, que esta prática não é tão presente e real nas comunidades. Nas colocações trazidas pode-se perceber o uso de expressões como “eu acho”, “sempre que sobra um tempo”, “quando o líder se interessa”, “eu percebo” para apontar como o Jornal é trabalhado nas comunidades. Elas denotam certa insegurança e, inclusive apontam a falta de verificação e de preocupação, por parte das coordenadoras, de como o Jornal está sendo utilizado. O uso remete a um procedimento inconstante, no qual a busca concreta de resultados junto à comunidade não é fator de destaque. O Jornal é utilizado de maneira restrita, diretamente vinculado à entrega do material, a solicitação ou a realização de leitura e relativa exploração de informações em reuniões de liderança. Isso é possível perceber na opinião da Coordenadora Dalva da Silva, paróquia Puríssimo Coração de Maria (Guaratinguetá/SP).



Sim, nós pegamos o Jornal e lemos, quando vai entregar para as líderes, a gente já está dentro do assunto, do texto que elas podem trabalhar. Depois elas comentam. Nós procuramos ler e ver um caso mais interessante e passamos para as líderes para elas fazerem isso. Também olhar para a comunidade delas (Dalva da Silva).

Estas questões todas indicam alguns problemas próprios do uso das mídias comunitárias. Nos estudos de Peruzzo (2004a, p.150), indica-se que os movimentos sociais acabam apostando mais na comunicação interpessoal e grupal que são meios mais cômodos e mais ágeis de se trabalhar. É possível verificar também a dificuldade do uso do material, indicando uma realidade triste da sociedade brasileira, a falta de hábito e o desinteresse pela leitura. Uma visão de autoridade e que reflete a realidade da leitura do material é a da Coordenadora Arquidiocesana, Aparecida Feliciano (Cida).

Temos discutido bastante como é o uso do Jornal. [...] Mas, ... na realidade as pessoas não lêem, né? Hoje elas não lêem mesmo! A gente sempre percebeu isso, porque entregava o Jornal, ia pra casa e lá ficava. Então passamos a ler o Jornal na reunião, pelo menos uma matéria e assim nos temos falado para as líderes fazerem na reunião delas. Porque a gente sabe que a pessoa pega um Jornal, senta na frente da televisão, daqui a pouco está dormindo. Se for fazer numa reunião assim dá. Não é todo mundo, tem aqueles que lêem, mas não é tudo mundo. Pode ter vontade até, mas não lê (Cida).

Na fala de Thereza Maciel tem-se um resumo sobre a questão do bom uso do Jornal, trata-se da falta de compreensão adequada do papel que ele desempenha no contexto da Pastoral da Criança, bem como o perfil do coordenador. “É muito difícil [...], quando os coordenadores se interessam distribuem certinho, porque a quantidade vem suficiente para todos os líderes. [...]. Nessa formação, o Jornal é de grande utilidade e traz o tema atual. Se ele não gostar, ele não vai trabalhar” (Thereza Maciel, Paróquia N.Sra. Aparecida).

O uso do Jornal em situações concretas que extrapolam o contexto da Pastoral da Criança, também foi verificado, o que se verifica é que a leitura mais ampla do Jornal está relacionada à leitura do mundo do coordenador. Vejamos o que as coordenadoras falam:

Que eu me lembre, sim. Comigo foi assim, eu tive duas amigas que tiveram sobrinhas que ficaram grávidas e que não tinham muito apoio com a família. Então eu lendo as informações, eu passei para elas algumas informações. Outra pessoa foi uma colega de trabalho do meu marido que teve problemas no começo da gravidez, eu fui até a casa dela visitei e dei um Jornalzinho pra ela e ela adorou! Dei o meu Jornal para ela. O Jornalzinho passa informação para as pessoas, lendo elas entendem melhor! (Marília Aparecida dos Santos, Paróquia S. Dimas).

“Ah sim, com certeza. Principalmente as receitas, eu gosto. Lá na minha casa eu vejo e parece que pega bem para nós”. (Dalva da Silva, Paróquia Puríssimo Coração de Maria). As situações apresentadas não remetem o uso junto aos problemas da comunidade; são questões pontuais e, na maioria das vezes, com um viés pessoal, haja vista a lembrança do uso das receitas. Não se pode negar, no entanto, que o Jornal Pastoral da Criança ultrapassa, por certas vezes, o limite da ação pastoral.

d) A participação no envio de informações

Uma das principais características da comunicação popular-alternativa é a participação do povo na elaboração dos veículos. Tendo essa questão como pano de fundo, buscamos ver como se tem dado a participação das comunidades na elaboração do Jornal Pastoral da Criança. Dentre as diversas colocações, foram detectados alguns cenários, como o de entusiasmo pela participação, o de desejo de participação envolto por uma atitude passiva, mas ao mesmo tempo de expectativa e o de apatia diante da possibilidade de se envolver com o processo, inclusive apontando desconhecimento sobre a forma de participar. “A minha comunidade ainda não participou, faltou oportunidade da gente entregar. Nós temos interesse de ler e não de mandar uma reportagem pra lá. Não sei como faz para enviar”(Maria Eloísa Oliveira, Paróquia S Roque). O que podemos concluir é que poucos participam, muitos querem, mas não se preparam para isso e alguns não percebem a importância no processo. Essa situação nos leva a refletir sobre a compreensão real que se tem do Jornal, o sentimento de pertença junto ao veículo e o espírito de envolvimento e de participação.

e) *Instrumento para a construção da cidadania*

Uma importante questão para a compreensão do papel do Jornal Pastoral da Criança na prática comunitária é sua função cidadã. Dentre as inúmeras respostas sobre a percepção do Jornal como um instrumento em favor da construção da cidadania, pôde-se perceber que a compreensão do termo cidadania está muito em função dos assuntos e das questões cotidianas que envolvem o trabalho pastoral, com pouca relação com a vida coletiva num todo. Aquelas coordenadoras que se aproximam de um conceito de cidadania mais dirigido à participação, o fazem pautando a reflexão sobre a questão dos direitos e deveres da criança e da gestante. Aquilo que mais se verifica do entendimento cidadão do Jornal é a sua colaboração para uma leitura mais crítica da realidade.

“É sim, porque através dele as pessoas ficam sabendo de tudo, as leis, o direito da gestante e da criança, conhecimento. O Jornal ajuda muito, porque ela vê a matéria na



televisão, no rádio, mais de depois ela lê no Jornal e, a partir daí ela pode formar consciência” (Cida).

Ele trata de assuntos, de leis na questão de criança e adolescente, ele incentiva a participação do líder. O Jornal conscientiza as pessoas em relação à mortalidade infantil e diversos assuntos importantes. A gente participa dos conselhos independente de ser conselheiro para mostrar os problemas, porque muitas coisas podem ser evitadas. As dicas de como cuidar da criança, orientar. Ele é um instrumento de informação que, se bem usado, faz toda a diferença. O grande diferencial dele é a utilização do líder. (Thereza Maciel, Paróquia N. Sra. Aparecida)

O depoimento da coordenadora Thereza aponta para uma noção mais concreta sobre a proposta de construção da cidadania. Para ela, o Jornal auxilia na atuação junto ao Conselho Municipal da Criança e do Adolescente, do qual faz parte, trazendo informação para sua ação social com vistas à transformação da realidade das crianças. Deve-se ressaltar que o trabalho das coordenadoras e líderes comunitárias da Pastoral da Criança é um exemplo indiscutível de promoção da cidadania, haja vista a abnegação dessas mulheres, a doação de uma parcela de suas vidas para a promoção do bem viver das crianças, gestantes e famílias das comunidades.

A partir das diversas opiniões apresentadas sobre o papel cidadão do Jornal, conclui-se que a noção de cidadania é muito variada, por muitas vezes, vaga e difusa e que o entendimento das contribuições do Jornal, ora limitam-se ao universo do Pastoral, com pouca associação à vida social, ora apontam para um esclarecimento dos direitos e deveres, sempre no contexto da entidade. Diante de todas essas questões, percebemos que várias foram as informações trazidas pelas entrevistas semi-estruturadas (equipe de coordenação do Jornal da Pastoral da Criança e coordenações da Arquidiocese de Aparecida) e que, todas, apontam para a complexidade do universo da Pastoral da Criança. A comunicação assume papel fundamental nesse processo! Olhando para a função do Jornal na ação comunitária e pastoral, veremos que ele tem um propósito de servir, de auxiliar na busca dos resultados, que a priori têm foco pastoral, mas que naturalmente se estende para a comunidade. O Jornal Pastoral da Criança na sua concepção e no entendimento das lideranças nacionais tem as características e especificidades da comunicação popular-alternativa, existe em função da promoção de um projeto de transformação social, o bem viver da criança brasileira. Por outro lado, há de se questionar a compreensão e o uso do material nas comunidades, o que, por muitas vezes, faz o Jornal perder relevância dentro do trabalho. No entanto, não se pode negar a



grande contribuição cidadã que esse instrumento de comunicação vem oferecendo às comunidades onde se faz presente.

Referências

BORDENAVE, Juan E. Diaz. **O que é participação**. 6 ed., São Paulo: Brasiliense, 1989.

FAXINA, Élson. **Participação e Subjetividade em Movimentos Sociais**. Um estudo de caso sobre as práticas culturais contemporâneas como espaço de construção e legitimação do ser individual e ator social. 2001.290f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais**. Paradigmas Clássicos e Contemporâneos. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2004.

KAPLÚN, Mario. **Una pedagogía de la comunicación**. Madri: Ediciones de la Torre, 1998.

MACHADO, Arlindo. Apresentação à edição brasileira. Contra a ibopização do pensamento, em defesa da mídia radical. In: DOWNING, John D.H. **Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Senac, 2002.

PASTORAL DA CRIANÇA. **Guia do líder da Pastoral da Criança**. 8.ed. Curitiba, 2004.

_____. **Informativo institucional**. Curitiba, 2005.

PERUZZO, Cicília M.K. **Comunicação nos movimentos populares**. A participação na construção da cidadania. 3ª ed., Petrópolis: Vozes, 2004.

_____. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. In: **XXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, Trabalho apresentado no Núcleo de Pesquisa Comunicação para a Cidadania. De 6 a 9 de set. 2006, Brasília-DF.

_____. Comunicação comunitária e educação para a cidadania. Revista PCLA – **Pensamento Comunicacional Latino-Americano**. São Bernardo do Campo: Cátedra Unesco-Umesp, v.4, n.1, 2002, p.19. Disponível em:
<<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista13/revista13.htm>>. Acesso em 28 de abril de 2006b.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Cidadania sem fronteiras**. Ações coletivas na era da globalização. São Paulo: Hucitec, 1999.

SUZINA, Ana Cristina. Cidadania alternativa na comunicação: Rede Brasileira de Comunicadores Solidários à Criança. In: PERUZZO, Cicília M.K.(org) **Vozes Cidadãs**. Aspectos teóricos e análises de experiências de comunicação popular e sindical na América Latina. São Paulo: Angellara Editora, 2004.

VIEIRA, Liszt. **Cidadania e Globalização**. 4.ed., Rio de Janeiro: Record, 2000.